

Como os discursos das mulheres negras militantes são reverberados na atualidade: uma análise discursiva

KELLY CRISTINE MARTINS DOS SANTOS*

Resumo: O presente trabalho promove uma análise discursiva da posição-sujeito de três mulheres negras atuantes, para mostrar os efeitos de sentidos que são produzidos a partir desta posição-sujeito em suas condições de produção do discurso, bem como, as formações imaginárias e a presença de outros discursos no discurso militante dessas líderes. Assim, à luz da perspectiva teórica e dos procedimentos analíticos da Análise do Discurso de linha francesa, este trabalho mobiliza o conceito de posição-sujeito e de outros conceitos desta teoria, defendidos principalmente por Pêcheux, na Europa, por Orlandi, no Brasil e demais autores, para analisar um corpus constituído por trechos retirados de depoimentos veiculados no ambiente virtual.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Posição-sujeito; Mulheres Militantes; Negras

How the speeches of militant black women are reverberated today: a discursive analysis

Abstract: The present work promotes a discursive analysis of the position-subject of three working black women, to show the effects of meanings that are produced from this position-subject in their conditions of discourse production, as well as, the formations and the presence of other discourses in the militant discourse of these leaders. Thus, in the light of the theoretical perspective and analytical procedures of French Line Discourse Analysis, this work mobilizes the concept of position-subject and other concepts of this theory, defended mainly by Pêcheux, in Europe, by Orlandi, in Brazil and other authors, to analyze a corpus consisting of discursive segments taken from statements conveyed in the virtual environment.

Key words: Discourse Analysis; Position-subject; Militant Women; Black.



* KELLY CRISTINE MARTINS DOS SANTOS é doutoranda em Ciências da Linguagem (UNICAP); professora de inglês instrumental na Faculdade Nova Roma-FGV e de Língua Inglesa nos cursos de Letras- Inglês e Ciências da Aeronáutica na UNINASSAU.



Introdução

Diante de algumas entrevistas veiculadas na internet, sentimos uma motivação particular para o estudo sobre as mulheres negras militantes e as marcas presentes em seus discursos. A temática vinha sendo “gestada” há algum tempo devido a nossa participação, ao longo desses anos, com diversas leituras realizadas e conversas direcionadas.

Nossa preocupação em estudar a questão negra encontrou reforço a partir do acesso a algumas pesquisas realizadas sobre o negro na sociedade brasileira. “Visto”, quase sempre como o “outro” ou aquele que demanda uma atenção diferenciada por causa da opressão sofrida; o negro, este “outro”, apresenta-se como aquele que está à margem da realidade social. A integração do mesmo no mundo do trabalho e em diversas áreas ainda é vista como algo a ser conquistado, e é desconsiderada a sua presença efetiva na construção deste país.

O desejo de pesquisar acerca do discurso das mulheres negras militantes em três diferentes áreas (mídia, política e religião) teve como origem o momento no qual o discurso dessas mulheres ganhou espaço na mídia ao manter contato com outros sujeitos femininos que ocupavam a mesma posição de mulheres negras militantes, despertando-lhes a atenção ao perceber que cada um desses sujeitos enunciava a partir de uma posição-sujeito diferente entre mulheres e líderes.

Assim, tais posições-sujeito lhes fizeram aguçar a curiosidade e questionarem-se: Como o discurso desses sujeitos que são negras e militantes significa a partir da posição-sujeito na qual cada um deles enuncia? Que efeitos de sentidos são produzidos a partir do que há de diferente e em comum entre essas mulheres negras militantes? Será que todas trazem no discurso um já-dito, cristalizado?

O funcionamento da ideologia no discurso de mulheres negras

Ao observarmos a gênese da Teoria do Discurso, Pêcheux (1969, 1975) entende que são as lutas de classes que movem a sociedade e os discursos. Embora existam outras áreas dos estudos da linguagem que foquem na compreensão dos diversos discursos circulantes na sociedade, é a partir de Pêcheux (1993 [1969]), que o discurso passa a ser concebido como efeitos de sentido entre locutores. Assim sendo, “o discurso é um fenômeno intermediário entre a língua (geral) e a fala (individual), nasce em outros discursos, isto é, a partir de formações discursivas que, por sua vez, integram uma ou mais formações ideológicas” (ORLANDI, 2011, p. 157-158). Nesse sentido, a vertente brasileira da AD é desenvolvida por Eni Orlandi (2011) e outros pesquisadores, que a definem como “teoria crítica que trata da determinação histórica dos processos de significação” (ORLANDI, 2011, p. 12). Partindo da constituição simbólica do homem, da busca (inevitável) de sentidos situando as práticas de linguagem no eixo tempo-espço.

O autor ainda salienta que o discurso é estrutura e acontecimento. Fernandes (2008) atesta que os discursos têm a sua legitimidade assegurada no já-dito, na memória, eles não são fixos, mas transformam-se e assumem outros valores, de acordo com a época, o lugar e a ideologia vigente. Assim, Pêcheux propõe que o discursivo seja entendido como uma das formas da materialidade das ideologias. Nesse ponto, compreende-se o sujeito como sendo atravessado tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente; logo seu sujeito não é *uno* ou do *cogito*, porém é considerado um sujeito *descentrado*, *cindido*,

clivado. Tal categoria, introduzida na AD, é pensada a partir de formulações de Lacan, ganhando estatuto próprio. No entanto, “não nos apropriamos do sujeito da psicanálise, *mas levamos em consideração o sujeito inconsciente, descentrado, não-uno, onde a incompletude é muito marcante no sujeito*” (LEANDRO FERREIRA, 2005, p. 73, grifos nossos).

Daí a relevância de entendermos que “na Psicanálise, a hipótese do inconsciente produz uma divisão do sujeito, que fica seccionado entre sua intencionalidade consciente e seu dizer inconsciente, [...] entre o que se diz e o que se pensa ou se almeja dizer” (MALISKA, 2017, p. 70). Ao mesmo tempo, é sujeito da ideologia, tal como teoriza Althusser (1985), afirmando que esse processo é decorrente do assujeitamento ideológico, onde se dá a ilusão do sujeito, no sentido de que o assujeitamento, ligado à ambigüidade do termo sujeito, “exprime bem esta “fixação” de liberdade e de vontade do sujeito: o indivíduo é determinado, mas para agir, ele deve ter a ilusão de ser livre mesmo quando se submete” (HAROCHE, 1992, p. 178).

Dessa maneira, não se pode negar a evidência da língua, como tal, ela tem seu corpo, sua materialidade, por isso, conforme Leandro Ferreira (2000, p. 21), “é preciso que desconfiemos dela e de seu efeito de aparente transparência”, procurando investigar os mecanismos de funcionamento que produzem sentidos, pois, muitas vezes, a autora lembra que, nos contextos sociais, o sentido das palavras, dos enunciados, das preposições aparece como se estivesse dado, cabendo ao sujeito reconhecer e adequá-lo ao seu dizer. Criando-se, assim, segundo Ferreira (2000, p. 21) “a ilusão de um sentido desprovido de

história e de um sujeito como origem de si próprio”. Temos aí, em decorrência do “efeito de evidência da língua”, o surgimento de mais duas: “a evidência do sentido (que faz com que uma palavra queira dizer o que realmente diz) e a evidência do sujeito (que se mostra como tendo existência espontânea)” (LEANDRO FERREIRA, 2000, p. 21, grifos nossos).

Assim, ainda segundo Ferreira (2000, p. 21), “quando o sujeito fala [...], ele está atribuindo sentido às suas próprias palavras em condições específicas”, achando que os sentidos estão nas palavras, logo, apagando-se, suas formações imaginárias (Fim), pensando em desaparecer com suas condições de produção (CP), modo pelo qual a exterioridade o constitui enquanto sujeito de seus discursos. Destarte, “teremos uma condição privilegiada de investigar um funcionamento particularmente desvelador e revelador dos sentidos de certos enunciados” (Idem, p. 24).

Dessa forma, “quando o sujeito fala [...], ele está atribuindo sentido às suas próprias palavras em condições específicas”, acreditando que os sentidos estão nas palavras. Por conseguinte, apagam-se suas formações imaginárias (Fim), a fim de desaparecer com suas condições de produção (CP), modo pelo qual a exterioridade o constitui enquanto sujeito de seus discursos. Nessa composição, por intermédio desses conceitos, “teremos uma condição privilegiada de investigar um funcionamento particularmente desvelador e revelador dos sentidos de certos enunciados” (LEANDRO FERREIRA, 2000, p. 24). Como resultado, em meio a essa tessitura, o funcionamento discursivo, não é

unicamente linguístico, já que as CP (situação dos protagonistas) são o conceito básico para a AD, uma vez que constituem e caracterizam o discurso, sendo seu objeto de análise. Desse modo, as CP são Fim, onde se apresentam, de acordo com Orlandi (2011) da seguinte forma:

Falar em discurso é falar em condições de produção e, em relação a essas condições gostaríamos de destacar que, como exposto por Pêcheux (1979), são formações imaginárias¹, e nessas formações contam a relação de forças² (os lugares sociais dos interlocutores e sua posição relativa no discurso), a relação de sentido (o coro de vozes, a intertextualidade, a relação que existe entre um discurso e outros) e a antecipação (a maneira como o locutor representa as representações de seus interlocutores e vice-versa)³(ORLANDI, 2011, p. 158).

Compreendemos que esses dizeres não são apenas mensagens a serem decodificadas, mas efeitos de sentido produzidos em condições determinadas. Essas condições de produção do discurso “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação” (ORLANDI, 2013, p. 30-31). É por meio do funcionamento discursivo nas formações imaginárias

¹ Orlandi (1994) destaca o papel do imaginário como produtor do efeito da linguagem como transparente. Nesse sentido, a autora aponta que a relação entre a linguagem e o mundo não é direta, “mas funciona como se fosse, por causa do imaginário” (p. 57-58). Para maiores aprofundamentos sobre essa noção, sugerimos a leitura de Orlandi (1994)

² Compreendemos “relações de força” como elementos exteriores ao discurso, próprios da formação social em questão. Remete ao pressuposto de que em toda sociedade há relações de poder que fazem parte das condições de produção dos discursos.

³ Grifos nossos.

dos sujeitos em suas condições de produção que percebemos a constituição dos sentidos. Esses, por sua vez, conforme Ferreira (2015), instauram-se nas grandes formações sócio-históricas que determinam as formações ideológicas (FI) em que os discursos estão inscritos. Nesse vigamento, a FI é entendida como um conjunto complexo de atitudes e representações que não são individuais nem universais, mas se relacionam mais ou menos às posições de classes em confronto umas com as outras. A FI comporta-se, necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas (FD) interligadas (CAZARIN, 2001, p. 137)

Dentro dessa composição, Pêcheux (2014, p. 214) situa a relação ideologia/discurso, a partir disso, “os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas FDs que representam, na linguagem, as formações ideológicas que lhe são correspondentes”. Na verdade, a tese de Althusser de que “a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos” tem, por assim dizer, “um efeito retroativo, o que resulta em que todo indivíduo é sempre-já sujeito” (PÊCHEUX, [1996] (2010), p. 150). À noção de Formação Discursiva (FD), o autor diz que “corresponde a um domínio de saber, constituído de enunciados discursivos que representam um modo de relacionar-se com a ideologia vigente, regulando o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 2014, p. 160).

De acordo com Pêcheux, no interior de uma FD, coexistem discursos provenientes de outras formações discursivas. Isso implica o favorecimento da diferença e da

contradição, como características constitutivas de uma FD, na compreensão de que os discursos fazem parte de formações ideológicas e discursivas, associadas, sempre, a uma memória social. Isto é, o autor defendeu a ideia de que toda formulação possui, em seu “domínio associado”, outras formulações que ela repete, refuta, transforma, nega, enfim, em relação às quais se produzem certos efeitos de memória específicos. Trata-se, portanto, de inserir na essência da noção da Formação Discursiva a problemática da memória cujo trabalho produz a lembrança ou o esquecimento, a reiteração ou o silenciamento de enunciados.

Aspectos metodológicos: o *corpus* discursivo

Este artigo foi pautado a partir de três depoimentos dados por mulheres negras empoderadas. Dois deles extraídos do site Widdox, referentes a duas americanas, publicada e acessada no dia 5 de setembro de 2016; o terceiro, extraído de o Globo, publicado e acessado no dia 25 de março de 2017 e a Revista eletrônica Época, publicada e acessada no dia 07 de junho de 2017, referindo-se a uma brasileira. Nos depoimentos, é possível verificar a posição dessas mulheres através de seus discursos e a forma como essas enunciações são cristalizadas. Os depoimentos serão analisados à luz da perspectiva teórica e analítica da Análise do Discurso de linha francesa.

Os depoimentos foram selecionados, pois é possível ver que, desde os primórdios, as mulheres lutam por liberdade e igualdade com discursos empoderados e intensos. A busca das mulheres pela igualdade de direitos é

pautada ao longo de muitos anos, e muitas mulheres corajosas e poderosas dedicaram e vem dedicando boa parte de suas vidas para mudar a história. Partiremos das depoentes que foram silenciadas pela própria história durante anos, especialmente porque ela era escrita sob a ótica masculina. Hoje, essas mulheres saem de um confinamento de séculos com discursos empoderados. Elas se opuseram às restrições de suas épocas e abriram espaço para a voz ativa na sociedade no que diz respeito à educação, mercado de trabalho, ciência, política etc. No entanto, sabemos que ainda há um longo caminho a percorrer para que a tão sonhada igualdade de direitos entre homens e mulheres na sociedade seja de fato alcançada.

Visamos identificar a memória discursiva, o interdiscurso, a formação discursiva (FD), as formações imaginárias (FI) e a posição-sujeito. Nesse imbricamento discursivo, o analista tem como finalidade compreender o processo de produção de sentidos, instalado por uma materialidade discursiva, caracterizado pelo processo de identificação que “o sujeito se inscreve em uma FD para que suas palavras tenham sentido” (ORLANDI, 2015, p. 22).

Ao observarmos as marcas linguístico-discursivas, é preciso dizer que se trata de palavras ou frases-de-base, determinando a especificidade textual (AZEVEDO, 2006). Diante da eleição desses indícios, vestígios, pistas, nota-se “como a repetição/e ou suas rupturas fazem discurso e, por esse viés, de que modo os sujeitos se constituem e se significam” (INDURSKY, 2011, p. 04). Nesse sentido, passando a contemplar o movimento de interpretação, de compreendê-lo, que caracteriza a

posição do analista, numa posição que entremeia a descrição e a interpretação, podendo tornar visíveis às relações entre diferentes sentidos que são constituídos.

Assim sendo, como marcado anteriormente, a AD, neste artigo, será utilizada como teoria e procedimento de análise, pois visa compreender como um objeto simbólico produz sentidos. Em decorrência disso, “o trabalho de análise é iniciado pela configuração do *corpus*, delineando-se seus limites, fazendo recortes, retornando-se conceitos e noções que demandam um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao *corpus* e análise. Esse procedimento dá-se ao longo de todo o trabalho” (ORLANDI, 2013, p. 66).

Um gesto teórico-analítico nos discursos das mulheres negras militantes

O discurso abaixo, datado de 1851, pertence à Sojourner Truth, nascida escrava em Nova York e, depois de livre, tornou-se pregadora pentecostal, ativista abolicionista e defensora dos direitos das mulheres em uma época em que elas, em geral, eram proibidas de falar em público. Ela proferiu seu famoso discurso “*Ain't a I woman?*” (E não sou uma mulher?) na Convenção dos Direitos das Mulheres, onde já apontava para as diferenças entre as mulheres e para a difícil questão sobre o que é ser uma mulher. A fala foi feita em resposta a um dos palestrantes do sexo masculino que estava na platéia. A partir dele, discutiremos sobre alguns pontos importantes.

Muito bem crianças, onde há muita algazarra alguma coisa está fora da ordem. Eu acho que com essa mistura de negros (negrões) do Sul e mulheres do Norte, todo mundo

falando sobre direitos, o homem branco vai entrar na linha rapidinho.

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles serem vendidos para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?

Daí eles falam dessa coisa na cabeça; como eles chamam isso... [alguém da audiência sussurra, “intelecto”). É isso querido. O que é que isso tem a ver com os direitos das mulheres e dos negros? Se o meu copo não tem mais que um quarto, e o seu está cheio, porque você me impediria de completar a minha medida? Daí aquele homenzinho de preto ali disse que a mulher não pode ter os mesmos direitos que o homem porque Cristo não era mulher! De onde o seu Cristo veio? De onde o seu Cristo veio?

De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com isso. Se a primeira mulher que Deus fez foi forte o bastante para virar o mundo de cabeça para baixo por sua própria conta, todas estas mulheres

juntas aqui devem ser capazes de consertá-lo, colocando-o do jeito certo novamente. E agora que elas estão exigindo fazer isso, é melhor que os homens as deixem fazer o que elas querem.

Agradecida a vocês por me escutarem, e agora a velha Sojourner não tem mais nada a dizer.⁴

Seria possível identificarmos nos discursos das mulheres negras militantes atuais marcas de discursos das mulheres negras militantes precursoras? São muitas as marcas discursivas encontradas nos discursos atuais que podem ser identificados nos discursos precursores. O mundo das representações traz em seu bojo a questão de gênero bem definida, com noções de masculinidade e feminilidade que codificam um sistema particular de valores sócio-históricos e culturais, que, por sua vez, através de formas simbólicas e condutas, moldam as distinções, estabelecendo noções hierárquicas entre mulheres e homens. Nesse sentido, o interdiscurso é tratado como a memória do dizer, aquilo que fala antes, em outro lugar, de modo independente e diferentemente (PÊCHEUX, 1969, 1975), uma vez que todo discurso se constitui a partir de uma memória e do esquecimento de outro (PÊCHEUX, 1984, 2010).

Diante das questões materializadas, é possível promover uma articulação com o discurso “E não sou uma mulher?” de *Sojourner Truth*, que ao ser analisado, descreve minuciosamente a temática da militância da mulher negra, em paralelo

⁴ E eu não sou uma mulher? Disponível em <<https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>> Acesso em 10 de junho de 2020.

com os discursos atuais. Com isso, verificamos fortemente efeitos de sentido que apontam que ela assume a posição sujeito daquela que é militante, negra e escrava, bem como da não fragilidade deste sujeito

E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?⁵

Truth, uma abolicionista e ex-escravizada, fez um dos discursos mais memoráveis da história sobre a intersecção entre o sufrágio feminino e os direitos dos negros. Falando à Convenção das Mulheres de Ohio, a ativista usou sua identidade para apontar as maneiras pelas quais ambos os movimentos estavam falhando com as mulheres negras. Repetidas vezes, de acordo com transcrições históricas, ela perguntou: “*Eu não sou uma mulher?*”. Sendo assim, percebemos que, na verdade, o discurso é/será determinado pela posição-sujeito, dada em uma posição ideológica e sócio-histórica também (ORLANDI, 2013, p. 43), porque, de acordo com Althusser (1985, p.99), “o lugar desse sujeito já foi dado,

⁵ Os discursos empoderados de mulheres que mudaram a história. Disponível em: <<https://widoox.com.br/oratoria/discursos-influentes-mulheres/>>. Acesso em 20 de junho de 2017.

ele já se inscreveu. Há, portanto, uma predeterminação ideológica”, conseqüentemente, na prática social, levando tal mulher a não se ver/sentir-se diferenciada do homem, quer dizer, aquela que ocupa uma posição inferior ao sexo oposto, com direitos diferenciados, como é visto no trecho do discurso de Sojourner Truth:

[...] Daí aquele homenzinho de preto ali disse que a mulher não pode ter os mesmos direitos que o homem porque Cristo não era mulher! De onde o seu Cristo veio? De onde o seu Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com isso. Entretanto, o homem branco, aquele “senhor”, “dono” da escrava negra é um ser sempre superior?⁶

Nesse contexto, tal homem aparece, diga-se de passagem, como aquele sujeito que está totalmente certo quanto ao seu lugar de fala e seu poderio em relação à mulher, tratando-se, portanto, de resquícios de puro racismo e sexismo vigente na sociedade. Já a mulher é constituída, no discurso, como aquela que seria a única responsável pela sua vida e por seus atos, procurando ao expor as suas forças e fraquezas, marcar o seu lugar e diferenciá-la do homem. Logo, que os dizeres não são apenas mensagens a serem decodificadas, mas efeitos de sentido que são produzidos em condições determinadas, que “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação” (ORLANDI, 2013, p. 30-31). Além disso, é por meio do funcionamento discursivo nas formações imaginárias dos sujeitos em suas condições de produção que se percebe a constituição dos sentidos. Esses, por sua vez, conforme Ferreira (2015),

⁶ Idem.

instauram-se nas grandes formações sócio-históricas que determinam as formações ideológicas (FI) em que os discursos são inscritos. Nesse vigamento, a FI é entendida como um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais nem universais, mas relacionam-se mais ou menos às posições de classe em confronto umas com as outras. Comporta, necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas (FD) interligadas (CAZARIN, 2001, p. 137).

Nesse sentido, isso é possível, tendo em vista que os discursos, de acordo com Pêcheux ([1975] 1993), estão imbricados com as formações ideológicas (FI) e as formações discursivas (FD), associadas, sempre, a uma memória social, ou seja, toda formulação possui, em seu “domínio associado” outras formulações que ela repete, refuta, transforma, nega, enfim, em relação às quais se produzem certos efeitos de memória específicos. Portanto, observamos, a partir dos enunciados em destaque, a perpetuação discursiva, histórica e social do estereótipo de mulher negra militante, contido em inúmeras narrativas. Nesse caso, em sua posição-sujeito, a mulher negra considera-se como “aquela” que tem os mesmos direitos que o homem e é responsável pela sua luta e história.

No recorte abaixo, que representa a fala da atriz global e militante Taís Araújo, mulher, negra, brasileira, ocorrem marcações presentes a acionadas na fala dessa artista quando questionada sobre sua identidade.

[...] Com a Maria Antônia eu me pego pensando o tempo inteiro em como nós mulheres somos criadas para agradar. O quanto nos silenciam e o quanto nos

desqualificam o tempo inteiro. Quando penso o risco que ela corre simplesmente por ter nascido mulher e negra, eu fico completamente apavorada”.⁷

Além dessas, outras identificações foram acionadas por ela durante sua fala, é possível observar a raça, o gênero e a noção de território como marcadores importantes para delimitação, naquele momento, de sua compreensão identitária.

Observemos que, conseqüentemente, “o que vem pela história, vem pela memória, pelas filiações de sentidos constituídos em outros dizeres, em muitas outras vozes, no jogo da língua que vai se historicizando aqui e ali” (ORLANDI, 2001, p. 32).

Sabidamente, a sociedade ainda é extremamente colonialista, acarretando, com isso, num distanciamento entre o negro e o branco. De acordo com Maria Luiza Tucci Carneiro, era possível notar que:

O "mundo da senzala" sempre esteve muito distante do "mundo da casa grande". Para alcançar pequenas regalias, fosse como escravo ou como homem livre, os descendentes de negros precisavam ocultar ou disfarçar seus traços de africanidade, já que o homem branco era apresentado como padrão de beleza e de moral (CARNEIRO, 2003, p. 15).

Lutamos de forma individual e coletiva, expressas nos movimentos negros atuantes no campo cultural, na construção de coletivos e em grupos de

⁷ Pop & Arte. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/tais-araujo-fala-sobre-reocupacao-na-criacao-dos-filhos-a-cor-do-meu-filho-faz-com-que-as-pessoas-mudem-de-calcada.ghtml>> Acesso em 20 de junho de 2017.

estudos preocupados com a questão racial.

Esse colonialismo reafirma o branco como padrão normativo, perpetuando e naturalizando seus privilégios sem questionar as origens históricas ligadas à colonialidade, as quais são reelaboradas na dinâmica das relações sociais. Por isso, devemos reposicionar o nosso olhar de modo a abranger a branquitude no exame das relações de raça, e só assim compreendermos o branco, não como mero objeto passivo dentro de uma estrutura social racista, mas como sujeito agente, ou seja, como protagonista do racismo, que, intencionalmente ou não, perpetua a discriminação no exercício dos papéis e privilégios com os quais foi socializado. Além disso, a mulher negra, não é tida como capaz, nem merecedora, pois é vista com um ser de intelecto inferior, por ser negra e por ser mulher, posta em total discriminação, conforme o trecho da Shirley Chisholm, nascida em uma sociedade moldada pelo preconceito e pela segregação. Entretanto, ela conseguiu superar os obstáculos e se eleger a primeira mulher negra a ocupar a Câmara dos Deputados. E, um ano depois de integrar o Congresso, Shirley apresentou aos membros da Casa um discurso importante onde ela falou sobre os dois tipos de discriminação que enfrentou.

Em seu discurso, Shirley reporta que

é obvio que a discriminação existe. Mulheres não têm as mesmas oportunidades que os homens têm. E as mulheres que não se conformam com o sistema, que tentam quebrar os padrões aceitáveis, são tachadas como “estranhas” e “não femininas”. O fato é que uma mulher que aspira a ser presidente do conselho, ou

membro da Casa, o faz pelas exatas mesmas razões que qualquer homem. Basicamente, porque ela acha que pode fazer o trabalho e ela quer tentar.”⁸

Além disso, a mulher negra militante tem que reiterar sempre que tem as mesmas oportunidades e capacidade que os homens brancos e negros e até mesmo que as mulheres brancas, ou seja, que ela é tão merecedora de ocupar um determinado cargo, quanto qualquer outro ser humano, e que esta não é uma posição reservada apenas para os brancos. Em face do alheamento da sociedade ainda colonialista e do desprezo social, a mulher negra subjuga-se nas sequências discursivas analisadas, como uma mulher capaz de desempenhar o papel que ela desejar. Nesse enquadramento, também, como constitutivo do discurso, tem-se o interdiscurso, que dentro da FD, aparece como “o conjunto das formações discursivas que trabalha com o repetível, com a resignificação do sujeito sobre o já dito”. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 27). Então, parte-se sempre de outros dizeres que são resignificados em nossos discursos, uma vez que os sujeitos que estão dentro de uma FD conferem inconscientemente ao interdiscurso.

Com efeitos de sentido, diante dos trechos destacados em análise, constatamos que o *status* da mulher negra militante em uma sociedade ainda colonial é ainda de total discriminação, segundo trecho analisado de Taís Araújo, ao referir que teme pela sua filha, por ela ser mulher e negra,

⁸ Os discursos empoderados de mulheres que mudaram a história. Disponível em: <<https://widoox.com.br/oratoria/discursos-influentes-mulheres/>> Acesso em 20 de junho de 2017.

refletindo assim, a sua identidade. Memoravelmente, nas diversas situações cotidianas de uma FD, discursos são encadeados, articulados e formulados.

Com isso, o interdiscurso trata de propagar nas práticas discursivas, o puro “já dito”, isto é, perpetua esse “olhar racista” sobre colocar o outro em uma posição subalterna pela cor de sua pele e pelo seu gênero, desqualificando a figura da mulher negra através de um discurso colonialista. E, por isso, a necessidade de analisarmos como essas mulheres atuais incorporam os seus discursos e como aquele velho discurso fundador de Truth, que teria sido também discriminada pela sua raça e gênero tem sido revisitado nos discursos atuais. Entretanto, refletimos sempre sobre onde fica o poder de escolha? De decidirem ou não pelo que é bom para elas? O que realmente ocorre é que na grande maioria das vezes, as mulheres negras têm sido silenciadas por um sistema racista, sexista e opressor. Logo, percebemos o quanto esses discursos são perpetuados, via memória discursiva e disseminados, através de práticas interdiscursivas e, com efeito, interiorizado tanto pela sociedade como pela figura feminina a ponto de, mesmo sem ter sua vida subtraída pelo sistema opressor, em certas ocasiões, ela mesma, subtrai de si, não tanto pela culpa, mas pela forte historicidade que a circunda e pelo medo de não ser aceita pela sociedade à qual pertence.

Além disso, entendemos que o papel da mulher negra e militante foi/é muitas vezes silenciado, censurado. No entanto, sabemos que as palavras surgem do silêncio e esse é necessário entre elas, onde apreender sua opacidade e seu trabalho no processo de significação traz a responsabilidade de colar-se entre o

dizível e o indizível, entre o dito e o não-dito (ORLANDI, 2007). A partir dos discursos postos em análise, percebe-se, ainda, um silenciamento vigente para as negras militantes, quer dizer, não é o silêncio, mas “o pôr em silêncio”, segundo reporta o trecho do discurso “E não sou uma mulher?” de *Sojourner Truth [...] Daí aquele homenzinho de preto ali disse que a mulher não pode ter os mesmos direitos que o homem [...]*.⁹ Esse movimento mostra o funcionamento do interdiscurso, lugar dos modos de construção da produção de sentidos, pré-requisitos indisponíveis, para pensar os processos discursivos e a materialidade da linguagem na construção da realidade. Assim, de acordo com o papel da mulher negra militante, podemos inferir que, em sua situação, o silêncio entre os efeitos de significação revela: (A) o não querer falar de si, por autoproteção, medo ou enfrentamento; (B) não querer falar do outro para não expor a pessoa tida como racista, (C) negação de um fato e, nesse caso, “o dizer outro”, (D) construção do enunciado, onde o silêncio corresponde a um apoio e (E) opressão advinda da intimidação social. Como resultado, observamos, a partir do que é dito pelas mulheres negras militantes, uma consciência e relação de valorização, pistas de um discurso onde “algo significa antes e em outro lugar” (ORLANDI, 2007, p. 79, grifos nossos), que torna possível todo dizer que retorna através da memória discursiva, histórica e social, sob a forma do interdiscurso, que materializa o pré-construído que se identifica e é atravessado em

⁹ Os discursos empoderados de mulheres que mudaram a história. Disponível em: <<https://widoox.com.br/oratoria/discursos-influentes-mulheres/>>. Acesso em 20 de junho de 2017.

determinada FD permeada pela militância negra.

Consideramos também que as formações discursivas se encontram identificadas com o discurso apontado, neste artigo, como fundador “*Eu não sou uma mulher?*”, identificado à militância negra feminina e que sofrem perseguições por suas condições sociais, de gênero e raça. É desse modo que as mulheres negras militantes identificadas com este discurso fundador defendiam que as mulheres negras deveriam lutar pelos seus ideais mantendo a certeza de que elas eram tão capazes de exercer qualquer função quanto qualquer homem. “O sujeito fala a partir de uma posição, de um lugar social. Nessa guisa, o sujeito está sempre interpretando e, ao interpretar, produz sentidos, identificado à formação discursiva a partir da posição-sujeito que enuncia” (SILVA, 2018, p. 141). É assim que a Análise do Discurso pecheutiana considera o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela relação estabelecida da língua com os sujeitos que a falam e as situações em que produz o dizer, como compreende Magalhães (2011).

Considerações finais

Segundo aponta Orlandi (2013), é por meio do discurso, lugar de enfrentamento teórico, que sujeitos e sentidos se constituem. Desse modo, podemos compreender que o sujeito mulher negra militante, interpelado pela ideologia e afetado pelo inconsciente, assume uma posição, um lugar do qual produz enunciados, sendo irremediavelmente afetado por dizeres anteriores. Assim, podemos perceber que no discurso dos três sujeitos analisados há o “outro” interno presente

na memória discursiva, como defende Pêcheux (1997), ao afirmar que nenhuma memória pode ser um frasco sem exterior. Nesse item, os efeitos de sentidos produzidos no discurso dos sujeitos mostraram como o que é dito noutra lugar é ressignificado.

Nesse viés, este trabalho mostrou como se dá as relações das mulheres negras militantes ao disputar o poder nesse espaço de liderança na sociedade ou de vivência igualitária questionado por essas mulheres e como cada posição-sujeito significa ao reatualizar o já-dito, cristalizado na memória discursiva destas mulheres negras militantes.

Referências

- ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos do Estado (AIE). Tradução de Reinaldo Pedreira Cerqueira da Silva. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, p. 92 a 99.
- ALTHUSSER, L. **Freud e Lacan, Marx e Freud**: introdução crítica-histórica. Tradução e notas: Walter José Evangelista. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Tradução de Cláudia R. Castellanos Pfeiffer et al. Campinas-SP: Editora Unicamp, 1998.
- AZEVEDO, N. P. S. G. **A gagueira sob a perspectiva linguístico-discursiva**: um olhar sobre a terapia. Tese de doutorado. (Doutorado em Letras e Linguística) UFPB - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa (PB), 2006.
- CARNEIRO, L.T. Maria. **O racismo na História do Brasil**. 8. Ed. São Paulo: Ática, 2003.
- CAZARIN, E. A. Interlocução discursiva: a afirmação funcionando como negação. In: ERNST-PEREIRA, Aracy.; FUNCK, Suzana Bornéo. (Orgs.). **A leitura e a escrita como práticas discursivas**. Pelotas: Educat, 2001, p. 137 a 144.

COURTINE, Jean-Jacques; MIRANDIM, J. M. **Quel Object pour l'analyse du discours? Materialités discursives.** Lille: Press Universitaires, 1981.

FERNANDES, Claudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias.** Goiânia: Trilhas Urbanas, 2008.

FERREIRA, E da S. **O discurso de Médici e seus jogos: questões sobre o silenciamento e a representação do outro.** Mestrado em Linguística (Dissertação). Recife: UFPE, 2015.

HAROCHE, C. **Fazer, dizer, querer, dizer.** São Paulo: Hucitec, 1992, p. 178.

INDURSKY, F. Discurso, língua e ensino: especificidades e interfaces. In: TFOUNI, Leda et al. (Org.). **A análise do Discurso e as suas interfaces.** São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2011, p. 03.

INDURSKY, Freda. **A noção de sujeito em AD: do desdobramento à fragmentação.** Porto Alegre: ANPOLL, 2000.

LEANDRO FERREIRA, M. C. **Da ambiguidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso.** Porto Alegre: Ed. Universitária/UFRGS, p. 24, 2000.

LEANDRO FERREIRA, M. C. **Glossário de termos do discurso.** Análise de discurso, Instituto de Letras, UFRGS. Porto Alegre, 2001.

MAGALHÃES, Belmira. **Contradição social e representação do feminino.** Maceió-Alagoas: EDUFAL, 2011.

MALISKA, M. E. **A voz: um corpo que não engana.** In: FLORES, G. G. B. et al. (orgs.). **Análise do discurso em rede: cultura e mídia.** Vol. 3, Campinas, São Paulo: Pontes Ed., 2017, p. 50 a 70.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** Campinas: Pontes, 2011.

_____. **Análise de discurso.** In: LAGAZZI, Suzy.; ORLANDI, Eni Punicelli. (Org.). **Discurso e textualidade,** 3. ed., Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2015, p. 13-76.

_____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 10. ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

_____. **As formas do silêncio. No movimento dos sentidos.** 6. ed., Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

_____. **Análise de Discurso.** In: LAGAZZI-RODRIGUES, S.; ORLANDI, E. **Discurso e Textualidade.** 2. ed., Campinas- SP: Pontes, 2010.

PÊCHEUX M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise. & HAK, Tony. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Ed. da Unicamp, [1975] 1997, p. 163 - 252.

PÊCHEUX, M. **Papel da Memória.** In: ACHARD, Pierre [et al.]. **Papel da Memória.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2010, p. 49-57.

_____. **Análise automática do discurso (AAD-69) (1969).** In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 61-161.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. 3. ed., Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1975] 2014.

PÊCHEUX, Michel. FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HACK, T. (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Campinas: Unicamp, 1993.

PÊCHEUX, Michel. (1969). In: GADET & Hack. **Por uma análise automática do discurso.** Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.

SILVA, Dalexon. Sérgio. **A heterogeneidade, as formações discursivas e os efeitos metafóricos no discurso religioso de membros da Assembléia de Deus.** Recife: UNICAP, 2012. (Dissertação de mestrado)

Recebido em 2020-03-30
Publicado em 2021-01-01